

A fuga e a quarentena mortífera (XX)

O cheiro de queimado do apartamento do coronel/general de cuecas durou uns quinze dias.

Dona Zilá (minha sogra) com a audição débil mas olfato turbinado reclamou durante quinze dias. Raimundo (um dos porteiros chefes) me disse que o coronel/general Jair Palhares e Dona Regina Damaço tinham mudado pra Atibaia, pra casa/escritório de um advogado amigo dele. Isso até acabar a obra do apartamento incendiado.

Meu amor pela quarentena estava chegando ao fim. O convívio a dois é impossível. Nascemos sós, morremos sós e sós ficamos na tumba. Se tiver céu tenho medo de ter que conviver a dois com alguém, sabe-se lá quem. Mas eu não queria me despedir da quarentena com mágoa nem raiva. Eu ainda tinha um carinho por ela e nem sei se ainda teríamos que conviver juntos de novo. Foram dias intermináveis de luto da relação, mas ela ainda estava lá/aqui. Nisso vi Dona Zilá arrumando as malas.

“Dona Zilá, o que está acontecendo?” Ela ficou em silêncio durante um bom tempo, de cara fechada. Depois soltou: *“Estou de saco cheio dessa quarentena de merda. É só elevador, farmácia, elevador, você aí nesse computador, Marli só dormindo, Calissa com seus rituais satânicos. Vou pra casa da Berê.”* *“Dona Zilá, quem é Berê?”*

Nisso entra Marli (minha mulher), esbravejando: *“Mamãe, que história é essa de ir pra casa da Berenice. É a sobrinha que nunca lhe deu bola. Toda metida, sempre envolvida com políticos corruptos. Nem nos natais em família ela aparecia. No máximo mandava um Feliz Natal Titia com uma foto dela passeando de lancha com algum figurão. Eu não gosto dela.”*

Dona Zilá encheu o peito e decretou: *“É, mas eu tenho conversado com ela no feice. Ela me trata muito bem. Pra falar a verdade, me trata bem melhor do que vocês. Ela tem insistido muito pra eu passar uns tempos com ela. E lá não tem esse negócio de quarentena. Ela mora numa casa grande com o namorado que nem fica muito lá. Tem quintal. Estou com saudade de mexer com as plantas, ficar no sol e, principalmente, espaiar a cabeça. Já decidi. Combinei que vou pra lá amanhã. Só peço a vocês que me coloquem no ônibus. Ela já comprou a minha a passagem pela internet.”*

Enquanto Marli resmungava meu deus meu deus meu deus, eu perguntei se a sogra estava decidida. Calissa (minha filha) interrompeu sua aula virtual de sexo tântrico e foi logo falando: *“Vovó, que história é essa aí de ir embora pra casa da Berê? Nem conheço essa gaiata.”*

“Ah, minha linda, você vai adorar ela, anda de jet-ski, tem uma academia de ginástica na casa dela, o namorado dela é um advogado famoso. Ela vai pra Miami todo ano. Falou até que vai me levar lá quando passar essa merda de pandemia. Ela tem uma casa no Guarujá e agora está morando em Atibaia na casa do namorado advogado.”

Não sei se a minha labirintite da adolescência voltou ou se foi uma síncope, um derrame cerebral ou uma crise epiléptica. Quando ouvi a palavra ATIBAIA vi tudo rodando e me segurei na Marli. Ela gritou: *“Que é isso? Me larga, tá me estranhando?”*

Deitei no sofá desfalecido e só ouvi as palavras da minha filha: *“Vó, eu vou com você!”*

O torpor de uma pré-apoplexia me envolveu em brumas acinzentadas e ideias estranhas que ficaram martelando na minha cabeça. *“Será que a velha tem um caso com o coronel/general?”* ●●●